

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
JACIARA LARANHAGA MAGALHÃES**

**CONFLITOS ENTRE SERINGUEIROS E ÍNDIOS NA AMAZÔNIA: O CASO DOS
ASHANINKA NO ALTO JURUÁ E DOS APURINÃ NO MÉDIO PURUS**

TEFÉ-AM
2018

JACIARA LARANHAGA MAGALHÃES

**CONFLITOS ENTRE SERINGUEIROS E ÍNDIOS NA AMAZÔNIA: O CASO DOS
ASHANINKA NO ALTO JURUÁ E DOS APURINÃ NO MÉDIO PURUS**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST-UEA, como requisito para a obtenção do título de graduação em História.

ORIENTADOR: PROF. DR. LUCIANO EVERTON COSTA TELES

**TEFÉ-AM
2018**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

M188c Magalhães, Jaciara Laranhaga
 Conflitos entre seringueiros e índios na amazônia: o
 caso dos Ashaninka no alto Juruá e dos Apurinã no
 médio Purus / Jaciara Laranhaga Magalhães. Manaus :
[s.n], 2018.
 49 f.: il.; 21 cm.

 TCC - Graduação em História - Licenciatura -
 Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018.
Inclui bibliografia
 Orientador: Luciano Everton Costa Teles

 1. Conflitos. 2. Seringueiros. 3. Indígenas. I.
 Luciano Everton Costa Teles (Orient.). II. Universidade
 do Estado do Amazonas. III. Conflitos entre
 seringueiros e índios na amazônia: o caso dos Ashaninka
 no alto Juruá e dos Apurinã no médio Purus

JACIARA LARANHAGA MAGALHÃES

**CONFLITOS ENTRE SERINGUEIROS E ÍNDIOS NA AMAZÔNIA: O CASO DOS
ASHANINKA NO ALTO JURUÁ E DOS APURINÃ NO MÉDIO PURUS**

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA,
DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ - CEST-UEA.

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Luciano Everton Costa Teles
(Universidade do Estado do Amazonas)

Membro: Prof. Msc. Tenner Inauhiny de Abreu
(Universidade do Estado do Amazonas)

Membro: Msc. Ademar Henriques da Silva Filho
(Universidade do Estado do Amazonas)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família que sempre me apoiou, em especial minha mãe Jussara Laranhaga, meu pai Arianildo Nunes Magalhães e meus tios Zizita Moraes da Rocha Magalhães e Luís Nunes Magalhães que são meus segundos pais e sempre estiveram ao meu lado me dando o suporte necessário.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por permitir que pudesse realizar esse sonho. Agradeço também a minha família que sempre esteve ao meu lado. Ao meu professor e orientador Luciano Everton Costa Teles, pela paciência em me orientar e por estar sempre disposto a contribuir com a pesquisa. Agradeço também aos meus pais Arianildo Nunes Magalhães e Jussara Laranhaga e aos meus tios Luís Nunes Magalhães e Zizita Moraes da Rocha Magalhães, que sem eles eu não estaria aqui hoje.

Quero também agradecer aos meus amigos Andson Nabor, Ana Karen Lima, Vittória Amorim, Nickelly Basílio, Fabricio Alves e Erika Nunes, por serem minha família em Tefé, por estarem ao meu lado nos melhores e nos piores momentos e por sempre me darem forças à continuar quando eu estava prestes a desistir. A todos o meu MUITO OBRIGADA!

*“A história é um profeta com o olhar voltado para trás:
pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será.”*

Eduardo Galeano

RESUMO

No âmbito do contexto da economia da borracha, pretende-se analisar os conflitos entre os seringueiros e os indígenas no decorrer da expansão dos seringais, através de dois casos: dos Ashaninka no alto Juruá e dos Apurinã no médio Purus. Neste sentido, busca-se explicitar os conflitos ocorridos entre os agentes principais do território explorado (seringueiros e indígenas). Fez-se uso da metodologia documental comparativa, para responder as seguintes questões: Como eram os conflitos entre os seringueiros e os indígenas no decorrer da expansão dos seringais? O que os textos relatam sobre esse assunto? Quais os problemas que essa expansão provocou para os indígenas? Percebeu-se que os conflitos e seus resultados, nos dois casos, têm especificidades. No primeiro caso, dos Ashaninka, estes se tornaram aliados dos seringueiros, formando alianças, recebendo armas e munições para defender os seringais de outros grupos indígenas. No segundo caso, dos Apurinã, entraram em guerra com os seringueiros e, conseqüentemente, foram incorporados aos seringais, trabalhando na extração da seringa.

Palavras-chaves: conflitos, seringueiros, indígenas.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Esquema de um seringal amazônico, por volta de 1900. In: Weinstein, 1993, p. 3221
- Figura 2:** Área da fronteira Brasil - Peru no rio Amônia39
- Figura 3:**Localização do município de Marechal Thaumaturgo40

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1:** Produção de borracha na Amazônia nos anos de 1827-186019
- Tabela 2:** Área plantada de borracha no oriente, 1905-1940 (1.000 hectares)25
- Tabela 3:** Comparação entre Amazônia e Ásia em alguns fatores26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: A EMERGÊNCIA DOS SERINGAIS NA AMAZÔNIA	15
1.1 O CONTEXTO INTERNACIONAL E A INSERÇÃO DA AMAZÔNIA NO MERCADO MUNDIAL.....	16
1.2 A OFERTA AMAZÔNICA E A CADEIA DE COMERCIALIZAÇÃO DA BORRACHA.....	21
1.3 A UNIDADE DE PRODUÇÃO: OS SERINGAIS	28
CAPÍTULO 2: CONFLITOS ENTRE SERINGUEIROS E INDÍGENAS	33
2.1 A EXPANSÃO DOS SERINGAIS E AS TERRAS INDÍGENAS.....	34
2.2 OS CONFLITOS: CASO 1	38
2.3 OS CONFLITOS: CASO 2	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu do interesse pela região amazônica, em especial o momento de expansão da economia gomífera. Nesse quadro, o foco foi direcionado para os conflitos entre seringueiros e índios nos sertões da floresta tropical. O tema é importante por tentar recuperar os conflitos dentro do quadro de avanço dos seringais na região, visualizando não somente o referido processo, mas também a atuação dos seringueiros, os conflitos e os povos indígenas, destacando os resultados das ações empreendidas por estes autores no bojo da dinâmica conflitiva.

A pesquisa se deu numa perspectiva bibliográfica e documental comparativa. Bibliográfica pois apresenta um levantamento bibliográfico a respeito do conhecimento sobre o assunto. Neste sentido, segundo Fonseca:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas 'já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites' (Matos e Lerche) sobre o tema a estudar (2002, p.31).

Documental na medida em que pretendeu-se analisar as obras da historiografia sobre a borracha, em especial os conflitos decorrentes desse período histórico entre os indígenas e os seringueiros.

Segundo Ludke e André (1986, p.): "A pesquisa documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema". Sendo assim a pesquisa documental para este trabalho é indispensável.

E comparativa, na disposição em que pretende comparar os conflitos dos indígenas e seringueiros nos diferentes lugares, na tentativa de compreender melhor e observar se há uma igualdade nos fatores e consequências de conflitos em lugares específicos. Visando formar um padrão/diferenciação para um melhor entendimento do processo em tela.

Segundo Ciro Flamarion Cardoso (1988, p.61): "Diversos historiadores apresentam e utilizam o *método comparativo* como um caminho necessário para uma transição da História Narrativa para uma História Explicativa e Científica". Assim, para esse o método comparativo é necessário para essa pesquisa. Já que

“trata-se de um instrumento a serviço da formulação e controle de hipóteses e generalizações explicativas, com a finalidade de conceptualizar a problemática história mediante a ruptura dos quadros nacionais e cronológicos habituais, em favor do estudo de temas bem delimitados” (CARDOSO, 1988, p.61-62).

Apesar de sabermos como ocorreu a exploração da borracha, é viável conhecer também como a sua expansão afetou a vida dos indígenas que viviam no decorrer dos seringais em que eram explorados e como a expansão desses seringais influenciaram os conflitos entre os seringueiros e os indígenas. Sem esquecer ainda que essa pesquisa tem como horizonte apresentar os índios como sujeitos ativos no processo histórico, no contexto dos conflitos que serão tratados.

Cabe sublinhar que:

Sabe-se pouco da história indígena: nem a origem nem as cifras de população são seguras, muito menos o que realmente aconteceu. Mas progrediu-se, no entanto: hoje está mais clara, pelo menos, a extensão do que não se sabe (CUNHA, 2012, p.11).

Assim como ressalta Manuela Carneiro da Cunha, em seu texto *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania* pouco se sabe sobre a história indígena, há muitas lacunas a serem preenchidas, porém nem todas serão preenchidas:

Hoje ainda, por lhes desconhecemos a história, por ouvirmos falar, sem entender-lhe o sentido ou o alcance, em sociedades “frias”, sem história, porque há um tropo propriamente antropológico que é o chamado “presente etnográfico”, e porque nos agrada a ilusão de sociedades virgens, somos tentados a pensar que as sociedades indígenas de agora são a imagem do que foi o Brasil pré-cabralino, e que, como dizia Varnhagen por razões diferentes, sua história se reduz estritamente à sua etnografia (CUNHA, 2012, p,11-12).

O presente trabalho pretende responder a algumas indagações: Como eram os conflitos entre os seringueiros e os indígenas no decorrer da expansão dos seringais? O que a historiografia relatam sobre esse assunto? E quais os problemas que essa expansão provocou para os indígenas?

Para tentar responder as essas questões, buscamos examinar as obras referentes à historiografia do “ciclo” da borracha no que refere aos seringueiros e indígenas, como também investigar os conflitos entre os mesmos e expor os resultados das ações desses personagens nesse quadro histórico.

Como se sabe a coleta de látex da seringueira veio a adquirir importância comercial somente em 1839. A partir daí a borracha passou a ser consumida pela indústria, em especial pela indústria automobilística no início do século XX.

Por volta de 1870 chegaram à Amazônia os primeiros seringueiros oriundos do Nordeste, estes vinham para a região para fugir da seca e se depararam como uma terra abundante e aparentemente inabitada. Porém, estavam enganados, pois quando chegaram depararam-se com diversos indígenas, o que ocasionou conflitos no estabelecimento de seringais em regiões próximas de aldeias indígenas.

Entre 1966 e 1967 surgiu a *Operação Amazônica* cujo lema era “Integrar para não Entregar”. Era um programa de construção de estradas e “colonização” da Amazônia. A construção dessas estradas começou a atrair gente para a região. Não obstante, essa construção deu espaço a uma onda de desmatamento e violência.

À medida que se construía as estradas, desmatavam-se grandes áreas chegando até a invadir terras indígenas. Como utilizavam as queimadas para limpar as áreas, isso ocasionou de forma violenta a expulsão de muitos indígenas de suas áreas de moradia.

Com a implantação dos seringais, os índios tiveram suas terras invadidas e seu povo perseguido, expulso ou exterminado. No caso do Acre os primeiros exploradores chegaram a partir de 1840, primeiro aos poucos, desbravando e demarcando se apossando de áreas enormes, se identificando como donos dos lugares que se assentaram. Vieram por conta própria para demarcar seu próprio seringal, como seringalistas estes desbravadores “*empresários da borracha*”, tinham importante função a desempenhar no sistema produtivo do extrativismo da borracha, ele era o elo entre o seringal e as casas aviadoras de Belém e Manaus, financiadoras dos implementos necessários para montagem das safras, e aquisição das mercadorias para fornecimento dos “*machadinhas*” que viviam internados nas colocações e estradas (RODRIGUEZ, 2016, p. 41).

Aos poucos os povos indígenas da região viram-se sem energias para lutar ou “vencidos pela força das espingardas, refugiavam-se nos lugares mais inacessíveis, para além das nascentes do rio. Vistos como obstáculos da exploração, os povos indígenas começaram a ser dizimados” (RODRIGUEZ, 2016, p.43).

Como afirma Davi Leal (2013, p.73): “Os povos indígenas são transformados em invasores”. Reforçando o que já disse Leal, Rodriguez também afirma que “muitos dos atuais indígenas que ocupam as terras de seus antepassados no Acre vivem como intrusos em suas próprias terras” (RODRIGUEZ, 2016, p.60).

Segundo Rodriguez (2016, p.60) “para os indígenas, o seringal e toda a empresa extrativista representava a morte pela negação de tudo que era fundamental para sua sobrevivência. Em primeiro lugar o mais fundamental, ocupação da terra”.

Esses conflitos serão o meu foco, comparando e buscando diferenças e similaridades entre eles, apresentando também as consequências, em especial para os indígenas.

A monografia está dividida em dois capítulos, cada capítulo contém três tópicos. O primeiro capítulo intitulado “*A emergência dos seringais na Amazônia*”, com os seguintes tópicos: “*O contexto internacional e a inserção da Amazônia no mercado mundial*” – visa apresentar como foi a inserção da borracha e conseqüentemente a Amazônia no âmbito internacional, destacando sua economia e o período internacional em que ela foi inserida. – O segundo tópico “*A oferta Amazônica e a cadeia de comercialização da borracha*” – que mostra a procura pela borracha Amazônica e como era a cadeia de comercialização. – E o terceiro tópico “*A unidade de produção: Os seringais*” – apontando como era composto os seringais.

Já o segundo capítulo intitulado “*Conflitos entre seringueiros e indígenas*” com os seguintes tópicos: “*A expansão dos seringais e as terras indígenas*” – Apresentando como essa expansão dos seringais afetou os povos indígenas e suas terras. – seguindo pelos “*Os conflitos: Caso 1*” e “*Caso 2*” – Que expõe dois casos de duas etnias com conflitos e conseqüências distintas.

CAPÍTULO 1: A EMERGÊNCIA DOS SERINGAIS NA AMAZÔNIA

1.1 O CONTEXTO INTERNACIONAL E A INSERÇÃO DA AMAZÔNIA NO MERCADO MUNDIAL

Nesse primeiro momento iremos analisar o ciclo da borracha, para melhor compreender o que foi esse período. Mas antes disso, voltemos há alguns anos atrás, para o século XVIII precisamente. Nesse século, na Europa, ocorreu um acontecimento que impactou o mundo, a Revolução Industrial.

Surgindo as transformações tanto tecnológicas quanto econômicas, a Europa passa agora a motivar transformações, fazendo com que, com o passar dos anos, tanto o setor urbano quanto o rural buscassem o aperfeiçoamento de novas técnicas e novas matérias-primas para desenvolvimento da indústria.

O que começou na Europa no final do século XVIII chegou ao Brasil no decorrer do século XIX, especificamente na região amazônica. Incentivou-se a pesquisa e a procura de novos itens para o abastecimento da demanda comercial que estava surgindo. Com isso, cientistas espalharam-se a procura de novas matérias-primas, de novidades para o mercado. Alguns chegaram a grandiosa e desconhecida floresta amazônica. E aqui encontraram um produto que mudaria não só o mercado industrial, mas a região até então “desconhecida”.

Durante uma viagem pela Amazônia em 1743, o naturalista de origem francesa Charles-Marie de La Condamine descobriu que o látex das seringueiras podia ser transformado em um material maleável (RODRIGUEZ, 2016, p.20). Com essa descoberta abriu-se as portas para o comércio e para a exploração intensiva do látex, fazendo assim com que em 1808, graças a abertura ao comércio internacional, a borracha amazônica alcançasse seu lugar no comércio e indústrias mundiais. Esse processo tornou a região amazônica uma das maiores produtoras de látex, transformando-a no maior polo de extração e exportação de látex do mundo (PÁGINAS DO INST. BIOL. 2013).

Os brasileiros migrantes, procurando a valiosa *Hevea brasiliensis*, que gerava o produto *Acrefina* – melhor borracha no mercado mundial -, ignoravam tanto as fronteiras mal conhecidas, como a borracha inferior da *Castilloa* elástica. Em contraste com os cauchais, onde caucheiros itinerantes acampavam para derrubar árvores de caucho e extrair de cada uma delas, de uma só vez, cerca de 30kg de látex, até esgotar as árvores e seguir adiante, os seringais constituíam-se em posses florestais que tinham valor permanente para seu dono virtual, já que nelas a *Hevea* de várias espécies podia ser explorada por tempo indefinido. Portanto, nos seringais

podia se instalar uma população sedentária de trabalhadores, em contraste com a população nômade dos cauchais (ALMEIDA, 2004, p. 36).

A base econômica dos seringais amazônicos era um sistema que sustentava a exploração de recursos naturais, vinculando-se aos postos de comércio mundiais, e, internamente, estabelecendo relações de produção características da história região, como por exemplo o aviamento e a extração:

A economia extrativa dos seringais amazônicos é semelhante à de outros sistemas de trabalho em que extratores detêm autonomia para explorar recursos naturais e se vinculam a postos de comércio com os quais se mantêm em dívida Crônica. Cada seringueiro explora pelo menos uma *parelha de estrada de seringa*, que ligava a clareira residencial aos seringais. Dois ou três seringueiros podiam ocupar o conjunto estradas que, partindo da clareira, cobriam o território de uma colocação, limitado pelas estradas de outras colocações. O posto de comércio- *barracões* – adiantava mercadorias e esses trabalhadores isolados na mata, as quais deveria ser pagas ao final da estação de trabalho – *fabrico*, o que significa que eles estavam em débito quase permanente com os barracões (ALMEIDA, 2004, p. 37).

No início do século XIX, os seringais e as galochas de borrachas começavam a ser comuns na Europa, como uma demanda crescente no exterior. Neste sentido, a Amazônia passou a exportar algo em torno de 31 tonelada de borracha bruta e produtos acabados de borracha, respectivamente no ano de 1827. Em 1830 as cifras subiram para 156 toneladas, segundo Barbara Weinstein (1993, p.)

A borracha passou de objeto de curiosidade – no início pelos europeus – para matéria-prima dos produtos de larga escala, criando uma alta perspectiva no comércio internacional. Onde a demanda era crescente e intensa no período do século XIX e com aumento durante as primeiras décadas do século XX.

A borracha tem desempenhado um papel importante desde as antigas civilizações pré-colombiana da América, como afirma Roberto Santos em sua obra *História econômica da Amazônia: 1800 – 1920*, onde diz que pinturas murais astecas [...] aludem ao uso da borracha nativa para pagamento de tributos ao monarca reinante e para cerimônias religiosas. Assim como que na segunda viagem feita por Cristóvão Colombo à América no período de 1493-1496, Colombo veio conhecer outra utilização da borracha, pelos indígenas do Haiti: *o jogo da bola* - que já era praticado há séculos. Fica claro que a utilização da borracha já era conhecida

pelos habitantes naturais da América – como é chamado os indígenas por Roberto Santos – e empregadas em várias utilidades (1980, p.42).

A reação dos europeus foi de eminente surpresa, extasiados em primeiro com a capacidade que as bolas de borracha tinham de saltar acima do nível que eram arremessadas. Mas não só isso, a nova substancia era impermeável. Causando assim observações dos portugueses e espanhóis sobre o uso do produto pelos indígenas, e descobrindo que os índios utilizavam a borracha para fazer roupas impermeáveis, calçados, fabricar vasilhames e seringas, dentre outras coisas. Provavelmente os colonizadores ao remeterem as informações para seus países, aguçavam a curiosidade sobre a borracha. Curiosidade essa que foi justificada como preocupação de ordem prática, já que os tubos e as mangueiras eram feitas de couro e vazavam pelas costuras. As capas de couro, eram pesadas, não ficando a disposição de todos, já de seu preço era muito elevado. As botas de couro não oferecia proteção perfeita a água.

Coube a La Condamine a missão de chamar atenção dos cientistas e industriais para o potencial que a borracha oferecia. Quando La Condamine escreveu seu primeiro relato sobre a borracha quando estava no Equador, medindo o arco do meridiano pela Academia de Ciências de Paris, menciona uma árvore que os nativos chamavam de *Hhevé* e os índios maias chamavam de *cautchuc*. No qual dela escorria uma substância – branca como o leite – que exposta ao sol endurecia e que era usada para confeccionar tochas, como também garrafas mais leves que as de vidro e avesso a fragmentação.

Em 1803, surgia na França a primeira fábrica de borracha, instalada próximo a Paris, onde era produzido ligaduras elásticas para suspensórios e ligas. Em 1811, apareceu a segunda fábrica em Viena e, em 1820, a terceira fábrica de borracha na Inglaterra, inaugurada por Thomas Hancock, executando com sucesso a manufatura de borracha em larga escala.

Depois dessa ascensão da borracha na Europa, começaram a surgir os primeiro problemas. A borracha estava se tornando pegajosa no calor e dura e inflexível no frio. A primeira solução encontra por Mackintosh foi colocar a borracha entre duas peças de pano, para a fabricação do tecido duplo. Mas uma solução definitiva ainda estava por surgir, a da *vulcanização*, que só Goodyear iria descobrir em 1839, nos Estados Unidos” (SANTOS, 1980, p. 47).

Foi o que aconteceu, após o ano de 1839, que Charles Goodyear aperfeiçoou o processo de vulcanização, levando a um significativo aumento na demanda de procura da borracha. Esse processo consistia na mistura do enxofre com a borracha a uma temperatura elevada entre 140°C e 150°C, durante um determinado tempo.

Essa borracha vulcanizada passou a ser resistente ao calor e ao frio, sendo apropriada para uma grande gama de produtos, que ia desde correias até capa de chuva. Mais o mercado alavancou na década de 1890 e pós 1900 com o surgimento da bicicleta e a popularização dos automóveis. A Amazônia era o único fornecedor de borracha – já que era o hábitat da *Hevea brasiliensis* – até a década de 1880. A produção da borracha amazônica de alta qualidade superava a produção do concorrente, pelo menos até 1912. Após essa data, com a aclimatização bem-sucedida da hevea e as plantações na Ásia, a borracha amazônica foi perdendo espaço e posição como primeiro fabricante mundial. A longa duração da demanda sustentava e repercutia na Amazônia como forte incentivo à produção.

Tabela 1: Produção de borracha na Amazônia nos anos de 1827-1860

Ano	Kg	Ano	Kg
1827	31.365	1846	673.725
1830	156.060	1850	1.446.550
1836	189.225	1856	1.906.000
1840	388.260	1860	2.673.000

FONTE: Ferreira Reis, "Economic History", p.40; *História econômica*, p.216. In: Weinstein, 1993, p.23.

Esse impulso deu-se por três motivos: o primeiro foi aperfeiçoamento e montagem da primeira fábrica de impermeáveis de borracha por Mackintosh em 1823, o segundo foi desenvolvimento do processo de vulcanização, por parte de Goodyear, em 1839, e o terceiro foi a descoberta do pneumático em 1888, por John Boyd Dunlop.

Desde as primeiras décadas da colonização europeia, como diz Bárbara Weinstein, as expedições coletoras construíram a base da produção na Amazônia. Com a perspicaz organização econômica da região por parte dos portugueses, que girava em torno dos grupos de índios coletores, que se dispersavam pela floresta para extrair substâncias naturais (óleos vegetais, sementes de cacau, especiarias,

dentre outros produtos), e em troca eram recompensados pelo missionários portugueses e comerciantes com ferramentas, roupas e etc.

Esta ênfase nas expedições coletoras, em oposição à agricultura organizada ou mineração, foi o traço que mais marcadamente distinguiu a vida amazônica de outras importantes áreas de colonização no Brasil colonial. Essencialmente, a economia extrativista representava um compromisso entre a ânsia dos colonizadores brancos por bens exportáveis e os diversos problemas que o meio ambiente da Amazônia apresentava. (WEINSTEIN, 1993, p. 25).

Esse crescimento mundial só foi possível pelas mudanças que ocorreram no setor dos transportes. A introdução do navio a vapor permitiu o grande crescimento econômico e político que a borracha proporcionou para seus comerciantes e seringalistas.

A rede comercial que guiou a borracha amazônica ao mercado internacional consolidou modos tradicionais de extração e troca. Esses modelos de comercialização, que foi desenvolvido mediante ao crescimento das exportações de borracha, apresentaram um grau de complexidade e sofisticação.

Com a Amazônia detendo o monopólio dessa mercadoria de alta valorização, foi preciso de mais mão-de-obra para suprir a grande demanda. A grande variedade de recursos disponíveis na Amazônia motivou o primeiro movimento migratório, principalmente os nordestinos que migraram para fugir da seca que devastava o nordeste brasileiro. A chegada dessa massa de mão-de-obra mudou a configuração territorial da Amazônia. Nem mesmo as dificuldades apresentadas pelo território amazônico conseguiu limitar a crescente territorialização da região. Desde o início do ciclo da borracha estima-se que vieram para a Amazônia cerca de 500.000 nordestinos, vindo trabalhar nos seringais. Com isso uma grande quantidade de seringais foram inseridos.

A majoração na produção gomífera no último quartel do século XIX, estimulada principalmente pela nascente e crescente indústria de pneumáticos, trouxe diversas consequências para a Região Amazônica, entre elas o já mencionado surto migratório de pessoas em busca do “ouro em forma de seiva” que escorria das árvores na floresta. Esses sujeitos, principalmente nordestinos, que vieram para a região pelos mais diversos motivos (seca, aventura, busca de riquezas, problemas policiais, etc.), fizeram com que os índices populacionais da região fossem aumentados em muitos dígitos, principalmente nas capitais amazônicas e nas regiões de produção efetiva do látex. (LIMA, 2013, p. 29).

Os comerciantes e seringalistas subiam os rios carregando trabalhadores e equipamentos para a instalação dos barracões em áreas que houvessem uma grande concentração de seringueiras. Um quilo de borracha, em condições normais, passava pelo menos por meia dúzia de mãos diferentes até chegar ao seu destino final, no caso o fabricante.

1.2 A OFERTA AMAZÔNICA E A CADEIA DE COMERCIALIZAÇÃO DA BORRACHA

Um seringueiro era responsável por duas estradas de seringueiras, trabalhando nelas em dias alternados. Bárbara Weinstein descreve que essas estradas tinham normalmente a forma de uma alça, com um traçado que mal se percebia, ligava de cem a duzentas héveas entre si:

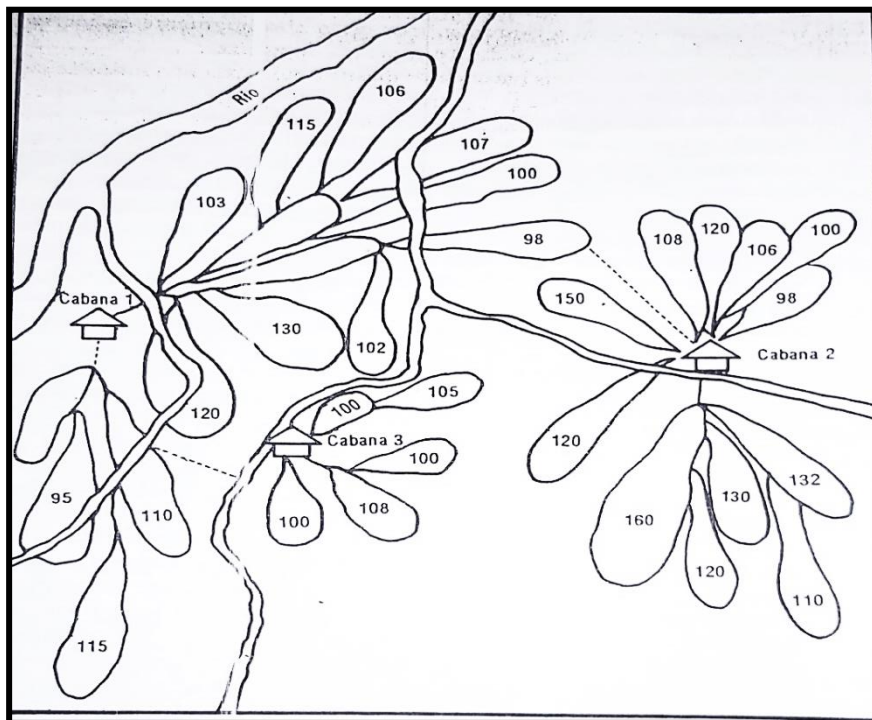


Figura 1: Esquema de um seringal amazônico, por volta de 1900. In: Weinstein, 1993, p. 32

A imagem acima retrata um esquema de um seringal, onde percebe-se que as alças – em formato de gota – são as estradas onde os seringueiros tinham que percorrer para extrair o látex. Os números indicam quantas héveas formam cada estrada. Quinze estradas partem da Cabana 1, onde empregava-se sete

seringueiros; doze estradas partem da Cabana 2, empregando seis seringueiros e cinco estradas da Cabana 3, empregando dois seringueiros. Somando um total de 3.573 árvores, o que provavelmente indica que essa área seja de 130 km². (WEINSTEIN, 1993, p.32).

O seringueiro entregava a sua produção para o patrão. Este era o encarregado pela compra, “por esse serviço, frequentemente debitava o seringueiro em até 50% do valor corrente da borracha no mercado, alegando que esse montante era necessário para cobrir os custos de transporte e as comissões de venda” (WEINSTEIN, 1993, p 33). Os seringueiros produziam a borracha, entregavam ao patrão e ainda se endividavam.

Assim, os seringueiros mantiveram-se envolvidos em um regime de forte exploração do trabalho pelo seringalista, que os mantinha inseridos num círculo vicioso de dívidas. Deste modo, os seringueiros faziam suas compras alimentícias e outros produtos nos barracões a preço de ouro. Sendo que os seringueiros ainda tinham que pagar uma comissão sobre o dinheiro e mercadorias que recebiam. O sonho de voltar para sua terra natal com uma boa quantia em dinheiro ficava cada vez mais distante.

O sistema de venda é chamado de *aviamento*, ou seja, receber mercadorias a crédito, o que, como vimos, gerava uma relação de endividamento. Cabe salientar que a borracha era comercializada no barracão. Entretanto, se no posto comercial houvesse acesso a um ancoradouro que atracasse barcos a vapor, a borracha era então embarcada e enviada diretamente para os centros urbanos (Manaus e Belém). Caso isso não fosse possível – os barcos a vapor atracarem – a borracha iria para um aviador local que então se encarregaria de realizar essa ligação.

O aviador local era quem geralmente tocava uma loja de “secos e molhados” num dos vilarejos, atuando como agente de alguma casa comercial “que o supria dos artigos que vendia a crédito, recebendo em pagamento pela borracha que lhe era entregue, quer pelo patrão, quer diretamente pelo seringueiro” (WEINSTEIN, 1993, p.33).

Assim que a borracha era entregue para o aviador, o mesmo enviava a mercadoria em embarcações rumo a Manaus ou Belém. Quando chegava na cidade, a borracha era encaminhada para o armazém da companhia em que o aviador estava ligado, onde seria inspecionada e encaixotada para exportação.

O elo mais importante da cadeia comercial da Amazônia (seringueiro, seringalista, aviador, companhia de exportação, compradores) eram as casas aviadoras. Eram elas que decidiam quando era o melhor momento para vender a borracha e para quem vender. Elas também tinham a função de dispor de créditos e empréstimos – a curto prazo – dos bancos locais, para acrescentar os adiantamentos pelas companhias importadoras feitas ou para financiar as compras de barcos a vapor, instalações de embarcadouros ou armazéns.

Além do aviamento, os seringueiros eram proibidos de desenvolver qualquer forma de atividade que pudessem desviar sua atenção da coleta do látex. Eles eram obrigados a pagar um aluguel pela utilização das estradas e entregar parte da produção para o seringalista. Sendo assim, a maioria dos seringueiros era composta de analfabetos, que mal podiam perceber as trapaças do patrão com a contabilidade. Aqueles que questionavam as contas do patrão sofriam coação pela violência.

Os seringueiros contavam com alguns meios de autodefesa contra os seringalistas, como por exemplo, aumentar as suas exigências e o preço pago pelos seringalistas pelo trabalho, além de acrescentar pedras, areia ou farinha de mandioca para a borracha ficar mais pesada. Com isso, os seringueiros tentavam resistir à violência sofrida e aumentar seus ganhos. Esse processo era difícil de ser descoberto, pois quando elas - a borracha - eram abertas para inspeção, já não era possível saber qual seringueiro adulterou o produto.

Os comerciantes adiantavam para os seringueiros recém-chegados as ferramentas e remédios, por exemplo, a preço altíssimo, de modo que os seringueiros iniciavam os trabalhos já endividados. Eles – os comerciantes – adulteravam as contas dos seringueiros, trapaceando ainda mais os seringueiros analfabetos, forçando-os a aceitar mercadorias desnecessárias ou supérfluas.

Para Barbara Weinstein, o sistema de trabalhadores escravizados por dívidas era raramente utilizado, como meio de servilização. Pois na maioria dos casos, o seringueiro era móvel e se encontrava longe do controle do patrão para que fosse possível que o mesmo lhe cobrasse as dívidas. Sendo difícil a retaliação violenta no seringueiro, especialmente porque seringalistas concorrentes acolhiam os seringueiros fugitivos lhes oferecendo proteção (1993, p.38).

Essa rede de comércio influenciou transformações de âmbito local e mundial. Em especial no Amazonas e em sua capital, que estava prestes a vivenciar o “progresso”:

No Amazonas, o processo de expansão econômica trouxe consigo um conjunto de transformações que atingiram sua capital, Manaus. Neste processo de expansão, dois elementos foram de profunda importância: a implantação de uma rede de comercialização da borracha e o desenvolvimento de uma infraestrutura necessária para o escoamento do produto (TELES, 2008, p. 32).

Manaus passou por uma expansão econômica, no campo da infraestrutura, que favoreceu a movimentação de pessoas e capitais. Então veio a criação de transportes, limpeza pública, bem como a criação do sistema de água, luz e esgoto, pavimentação das ruas.

Desta forma, a borracha garantiu seu espaço no mercado. Passando a ser atuante tanto na exportação do produto, quanto nos preços. A borracha amazônica vive, então, o seu auge. O ciclo da borracha e seu comércio interno contribuiu para o aumento e melhorias, em especial para a elite extrativista e comercial. Contribuindo para a construção de casas, prédios públicos, teatros. Afim que transplantar os ingredientes políticos e culturais da Europa para a Amazônia.

Dando surgimento para a Belle Époque no território tropical. Criando um ar de urbanização modernizada, afastando a classe pobre dos limites urbanos, restringindo-os às margens da cidade. Implantando na cidade uma estética que rompeu com o passado e deu lugar ao futuro, a “Paris dos Trópicos”. Em uma cidade transformada pela urbanização e pelas medidas higienizadoras e de controle social.

A cidade passou por um embelezamento, que foi da arquitetura às ruas. Transmitindo elegância, graciosidade e higiene. Essa modernização atendia as exigências da elite e da burguesia.

Com a borracha se espalhando pelo mundo, devido ao seu alto valor comercial, fez com que capitalistas comessem a investir na produção da borracha pelo mundo fazendo com que em 1910 o surto pela borracha no mundo industrial explodisse.

Mas o ano de 1910 foi marcado como o início do declínio que veio pôr fim para a borracha e sua economia. Assim como explica Bárbara Weinstein:

Logo, em maio de 1910, a febre estancou. De início, pareceu simplesmente natural que os preços estabilizassem e até mesmo caíssem um pouco, depois de quase dobrarem em menos de quatro meses. Mas ninguém estava preparado para o violento mergulho que deu o mercado da borracha bruta nos meses restantes do ano de 1910, chegando a menos de um dólar e vinte centavos já em novembro. De janeiro a fevereiro do ano seguinte, por algum tempo pareceu que os preços se recuperaram de sua queda repentina, mas em março voltaram a desabar. E essa queda, longe de um simples interlúdio, acabou sendo o começo de uma decadência de dez longos anos que iria aleijar a economia extrativista da Amazônia (1993, p. 241-243).

Esse colapso foi resultado do sucesso na plantação da hévea na Ásia, que após vinte anos, finalmente estava começando a produzir a borracha em consideráveis quantidades, dando início a competição no mercado mundial e tirando a Amazônia como principal exportadora dessa matéria-prima.

A seringueira leva em média de 5 a 6 anos para produzir, porém somente a partir de 12 anos é que o rendimento se torna permanente. Após 1900, no Oriente, houve uma expansão em grande escala em áreas plantadas. Fazendo com que 53.000 hectare, em 1905, passasse para 462.00 em 1910 e a 1.746.000 em 1920. No quadro a baixo é possível ter uma visão da proporção em que estava submetida a borracha no Oriente entre os anos de 1905 – 1940:

Tabela 2: Área plantada de borracha no oriente, 1905-1940 (1.000 hectares)

ANO	Malásia	Ceilão	Índia e Birmânia	Bornéo Britânico	Indochina	Holandeses		Sião	Total
						Grandes Plantações	Nativos		
1905	18,61	26,71	2,83	2,02	—	3,24	—	—	53,42
1910	218,93	104,41	20,23	17,00	3,64	93,08	4,05	0,40	461,74
1015	522,04	128,81	43,71	27,11	17,40	246,45	34,40	4,05	1.016,96
1920	882,61	475,23	50,18	52,61	30,35	357,33	186,15	11,33	1.745,79
1925	978,11	188,00	53,82	67,58	46,54	414,80	333,86	32,37	2.116,07
1940	1.408,69	258,59	99,96	150,95	134,44	634,12	731,06	169,66	3.587,47

FONTE – Cássio Fonseca, op. Cit., p. 28 In: Santos, 1980, p. 233.

Observando a tabela acima, é perceptível a crescente produção de seringueiras, em especial na Malásia, que nesse quadro vem ser a principal

produtora chegando a 1.408,69 hectares. Enquanto na Amazônia contava-se com 1,5 pés em média de seringueiras exploradas por hectares, no Oriente eram 200 pés em média por hectares. Esse crescimento implicaria em uma corrida intensa ao território asiático pelos grandes capitalistas, como assinala Roberto Santos:

A heveicultura não inspirara desde logo confiança aos capitalistas das metrópoles. Quando isso ocorreu, porém, a corrida para os territórios da Ásia foi intensa. A U. S. Rubber, por exemplo, abandonou a doutrina anterior e já em 1912 possuía 13.153 hectares no Oriente, logo aumentando para 32.376. Arregimentou 10.000 coolies na Sumatra e pô-los a plantar 2.500.000 pés de Hevea, de modo que em fins de 1913 estaria com uns 8.000 hectares já ocupados. Era a maior plantação de Hevea do mundo, mas a U. S. Rubber continuou a aumentar suas propriedades. Propriedades e casas de compra de borracha, em Cingapura e em Colombo, no Ceilão. Em 1918, sua subsidiária Malayan American Plantations Ltd. Operava cinco plantações, enquanto mais quatro empresas subordinadas na Sumatra comandavam outras tantas. É evidente que a súbita mudança de doutrina da U. S. Rubber fora ditada pela presença crescente da borracha obtida da Hevea cultivada na oferta mundial do produto, comprovando o potencial inerente às plantações. Uma comprovação talvez ainda mais convincente eram os enormes dividendos pagos por companhias produtoras de borracha do Oriente. A Vallambrosa Rubber Co. distribuíra, de 1907 a 1912, lucros que significavam, sobre o capital: 55% (em 1907 e também em 1908), 80%, 250% e 100%. A Selangor Rubber Co. em 1906 distribuiu 40% sobre o capital; mas em 1909, 287%; em 1910, 375%; em 1912, 250%. Durante o ano de 1912, companhias que distribuíram lucros de 6, 20 ou mesmo 50% certamente foram dadas por pouco rentáveis, já que a média de dividendos pagos por outras era superior a 100%. (1980, p. 234).

O investimento nas plantações orientais rendiam lucros significativos, fazendo com que o Oriente fosse o novo pólo de produção da borracha:

Tabela 3: Comparação entre Amazônia e Ásia em alguns fatores

	AMAZÔNIA	ÁSIA
Área explorada ou cultivada (1.000 hectares)	12.405	1.017
Densidade (pés/hectares)	1,5	200
Nº de árvores em exploração ou plantadas (1.000)	18.608	203.400
Borracha exportadas (t)	29.772	107.867
Rendimento por árvore adulta, em borracha seca (kg)	1 a 2	2,5
Rendimento por homem, em borracha seca (kg)	230	700 a 2.000
Custo de produção (franco por kg)	7,50	3,48
Preço de mercado (franco por kg)	6,60	6,38

FONTE: Santos, 1980, p. 235.

Chega ao fim a era da borracha silvestre Amazônica, que agora tinha uma enorme desvantagem em relação à produção Oriental. Já que a área cultivada na Amazônia era muito vasta, porém as seringueiras eram afastadas uma das outras, o que fazia com que o rendimento na produção não fosse tão alta em comparação com a concorrência asiática, além de ser mais caro o custo da produção. Já no caso

da Ásia, a área cultivada era menor que a da Amazônia e as seringueiras eram próximas umas das outras, o que permitia uma maior rendimento na produção, além de ser mais barato o custo da produção. Diante disso o lucro asiático era notório e satisfatório.

A queda na exportação da borracha amazônica resultou na redução financeira em programas de desenvolvimento no estado amazônico. “Não mais de um ano após o início da decadência, o Pará e o Amazonas estavam ambos lutando para conseguir apenas atender a suas despesas ordinárias” (WEINSTEIN, 1993, p. 256).

Os aviadores foram os primeiros a sentirem a decadência da borracha Amazônica. “A pior onda de falência atingiu o Pará em 1913, logo depois dos graves prejuízos causados pela safra de 1912” (WEINSTEIN, 1993, p.261).

Uma análise feita por Daniel Klein de cartas trocadas entre as casas aviadoras ilustra melhor esse período no Pará:

No início de 1911 a casa exportadora Alves Braga havia rescindido sua relação comercial com a Pereira Bessa, deixando de comprar sua borracha. A Alves Braga enviou um Comunicado para a Pereira Bessa Através de seus gerentes, os senhores Avelino e Cagy. Nele informava que o mercado da borracha em Belém estava em crise devido à concorrência internacional, que o Brasil sofreria uma recessão, logo não poderia mais receber a borracha da casa aviadora.

A casa aviadora de Belém destituída de seu comprador de borracha envia para a N & Maria um comunicado informando o ocorrido. Também informa a empresa acreana que o mercado da borracha entrava em crise, a produção internacional tomaria o lugar da brasileira dentro em breve e por isso imploravam ansiosamente por algum envio de borracha o mais rápido possível” (KLEIN, 2014, p. 190).

É visível que as casas aviadoras já demonstravam ter uma visão a respeito da crise que se iniciava. “Então os próprios agentes da cadeia de aviamento sabiam da crise nessa rede comercial, compreendiam quais eram seus motivos, mas não procuraram enfrentá-los” (KLEIN, 2014, p. 191). A exclusão da Amazônia no mercado mundial era percebido, mas sem enfrentamentos mais incisivos. Como afirma Santos: “esse silêncio, esse longo esquecimento nacional, esse espírito, como se parodiasse a esmagadora vitória da borracha oriental, constituiu uma nova e inadmissível feição de massacre” (SANTOS, 1980, p. 256).

1.3 A UNIDADE DE PRODUÇÃO: OS SERINGAIS

O seringal é composto basicamente do barracão, do local em que reside o seringalista, do armazém que fornece as mercadorias necessárias ao seringueiro e do depósito. Sendo o barracão o núcleo social e econômico do seringal. O seringal é uma área de apreciável extensão. Em seu quadro de trabalhadores estão desde pessoas dedicadas à procura de seringueiras ou castanheiras até pessoas ocupadas em abrir novas estradas de seringas:

Os centros dos seringais têm os seus altos e os seus baixos, correspondendo às áreas que as águas não alcançam e às que ficam cobertas pelas águas durante a metade do ano, respectivamente. As seringueiras situam-se em terras baixas, restringindo a safra da extração do látex em meio ano. Na região do Madeira os seringueiros tornam-se castanheiros quando as águas sobem; as castanheiras são árvores de terras altas. Seja ele seringueiro ou castanheiro, é freguês de um mesmo patrão. (CHEROBIM, 1983, p.103).

O seringueiro poderia aproveitar a vazante dos rios e utilizar as várzeas, que foram fertilizadas pelos húmus que a cheia trouxe, para a agricultura. Mas não era o que acontecia. Nesse período ele estava ocupado extraíndo o látex das seringueiras. Saindo na madrugada e retornando na metade do dia, realizando duas viagens pela estrada de seringa. Na primeira viagem o seringueiro fazia o corte na seringueira e instalava a tigela onde o látex que escorregava da seringueira era armazenado. Na segunda viagem, o seringueiro recolhia o látex extraído. E na segunda metade do dia, o seringueiro passava, então, a defumar o látex. E quando acabava o período e as águas voltavam a subir, o seringueiro voltava a se transformar em castanheiro.

O seringueiro trabalhava e entregava toda a sua produção para o patrão, que também era seu aviador, sem a circulação do dinheiro pelo trabalho. Esses seringalistas propagavam a ideia da desnecessidade do dinheiro nos barracões. Mas a verdade é que a não circulação do dinheiro vinha do medo que os seringalistas sentiam, de que os seringueiros desviassem a sua produção para outras casas aviadoras.

Como já foi afirmado, a borracha sofreu com a concorrência dos seringais asiáticos, mas esse não foi o único motivo que influenciou a queda da indústria extrativista de látex na Amazônia no início do século XX. Alguns autores chegaram à conclusão que a maior dificuldade encontrada pela borracha amazônica no âmbito do mercado internacional, era pelo fato de sua impureza, que era provocada por

condutas levianas de seringueiros e seringalistas, que acabava provocando a queda no valor da borracha:

Mas, pela verdade, devemos confessar que a maior [causa da crise da borracha] a que mais influenciou para que o país perdesse os seus mercados, reside na exportação que fazíamos de borracha impura. Seringalistas e seringueiros, no ambicioso mister de produzir a maior quantidade possível do látex, para ganhar o máximo, diminuíram a percentagem de elasticidade do nosso produto, utilizando-se de processos inconfessáveis. É notório, por exemplo, o adicionamento que faziam ao látex de substâncias várias, as quais se traziam o aumento de peso, transformavam-na em fatores de desclassificação do produto (SEMTA, 1943, p.3. In: LIMA, 2013, p. 33).

Na citação acima, mostra-se a posição defendida pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para Amazônia (SEMTA), em 1943, em que ressalta que a exportação de borracha impura seria a maior causa da crise.

Apesar do prejuízo que foi causado pelas adulterações, é pertinente observar outros problemas que colaboraram para o desmoronamento da indústria do látex. Como a incapacidade de alguns administradores públicos, que não enxergaram as limitações que a borracha sofria, as doenças e epidemias, os conflitos com os indígenas locais, além do abandono e fuga dos seringueiros:

Os jornais do Nordeste, ao findar o ano de 1945, notificaram a volta desses homens, maltrapilhos, doentes e famintos. Isto sem falar dos inúmeros que por lá ficaram vitimados pela malária ou pelos jagunços. O saldo desse apelo patriótico foi um tanto quanto trágico. Estima-se em cerca de vinte mil os migrantes que morreram nos seringais, mortes provocadas principalmente pela malária e pela fome, segundo dados divulgados pela comissão de inquérito da Assembleia Constituinte em 1946, que averiguou os resultados da Batalha da Borracha (GUILLEN, 1997, p. 100).

Devido à crise da borracha, centenas de trabalhadores migraram para as cidades, abandonando os seringais. A pós Primeira Guerra permitiu uma queda nos preços da borracha. Essa perda da exclusividade de exportação resultou no desemprego e fome para “capital da borracha que, até o momento procurou sobreviver, apesar dos atropelos” (FEITOSA, 2012, p.4):

O Vale Amazônico foi desprezado por aqueles que para ele acudiram em busca de riqueza fácil, seringais foram abandonados, a estrutura econômica entrou em esgotamento, as arrecadações estatais foram reduzidas, os preços dos produtos básicos de subsistência, ao exemplo do charque, alcançaram valores muito elevados, mesmo considerando que os preços praticados nos seringais, em alguns casos, já chegavam a cerca de dez vezes os valores praticados nas capitais. Entre os trabalhadores rurais, aqueles que resolveram permanecer – ou por não poderem voltar as suas regiões de origem, ou por opção própria –, lançaram-se agora à agricultura

de subsistência, à exploração dos produtos da floresta e passaram a se misturar e a viver com e como a população local (LIMA, 2013, p. 35).

Os seringalistas amazônicos já não acreditavam em uma nova procura da borracha nacional. Mas devido a Segunda Guerra Mundial, a procura pela borracha amazônica voltou, e em grande escala, para atender as necessidades dos aliados. Com o acontecimento da Segunda Guerra Mundial, entre 1942 e 1945, a produção da borracha amazônica foi retomada. Aliado a esse fato, tem-se a aplicação de capital norte-americano na região:

Com a Segunda Guerra, o Japão domina grande parte da Ásia e o fornecimento de borracha para os exércitos dos Eixo estava garantida, mas os outros países corriam sérios riscos de ver suas máquinas de guerra emperradas. A desativação de alguns seringais e a redução de outros, fazem os EUA fundarem a Rubber Reserve Company – RRC para fomentar novamente o comércio da borracha e comprar diretamente dos seringais, e por vezes do próprio seringueiro (SANTOS, 1980, p. 11).

O Japão, como fazia parte do Eixo, estava travando enormes batalhas no Pacífico, acabando por apropriar-se da Malásia, a nova produtora do látex internacional. Os Aliados ficaram com receio de ficarem sem o seu mantimento de látex para suprir as suas necessidades, como a produção de instrumentos cirúrgicos, luvas, calçados e etc. Os Aliados procuraram o Governo Brasileiro para que lhes fosse fornecido a borracha, já que a produção do Oriente estava sob domínio do Eixo. E, nesse cenário de guerra, surgiu novamente a borracha brasileira no terreno internacional:

Quando em 7 de dezembro de 1941, o Japão atacou a base americana de Pearl Harbor no Havaí, os Estados Unidos declararam guerra ao Japão e conseqüentemente aos países do Eixo e o conflito se tornou mundial. A adesão dos americanos à Guerra e a dominação bélica japonesa sobre as áreas produtoras de borracha, nas Ilhas da Malásia, trouxe preocupações aos Países Aliados quanto ao abastecimento de borracha, um produto estratégico e indispensável à de guerra (SILVA, 2005. In: PONTES, 2015, p.60).

Ao contrário do que foi o primeiro “ciclo da borracha”, dessa vez o governo brasileiro era o principal responsável pela mão de obra nos seringais. O que fez ele optar por uma investida radical, que consistia no discurso de que todos os homens eram convocados para auxiliarem na guerra, dando-os a opção de lutar na Europa ou mudar para a Amazônia para a produção da borracha.

Entre o período de 1930 e 1940 ocorreu uma migração para a Amazônia. O governo utilizou de uma política “colonizadora” não só para a Amazônia, mas

também para o Centro-Oeste do país. Política essa que visava uma ocupação territorial. Visto pelo governo como necessária. Foi preciso a criação de um órgão com o intuito de dirigir os trabalhadores até os seringais. Assim surgiu o DNI (Departamento Nacional de Imigração) e o RDC (Rubber Development Corporation - Corporação de Desenvolvimento de Borracha). Muitos trabalhadores acabavam por ficar em outras cidades onde realizavam outras atividades, como a de pedreiro, serviços gerais e etc. Não chegando aos seringais, consequência da inexperiência desses órgãos.

Com a visita da missão americana para conhecer as áreas da Amazônia onde houvesse a possibilidade de desenvolver projetos ligados a produção de seringueiras e a articulação do governo paraense em parceria com o governo federal e o Ministério das Relações Exteriores com ações ordenadas dos Estados Unidos, ocorreu um deslocamento de capital americano para a Amazônia:

Aceitando as orientações da instância política federal, o governo do estado do Pará informou poder atender todos os “favores visados”, o que foi concretizado pelo apoio dado à criação da Companhia Ford Industrial do Brasil (CFIB) e na doação de terras, antes mesmo da aprovação pelo legislativo estadual do termo de concessão, pelo período de 50 anos. A proposta elaborada pelo governo paraense permitiu o repasse de um milhão de hectares de terra na margem direita do rio Tapajós, localizada nos municípios de Aveiro e Itaituba, posteriormente estendida para Belterra, no município de Santarém, ambos no estado do Pará, para a empresa americana (PEREIRA, 2015, p.131).

Na região amazônica, entre os anos de 1927 a 1945, ocorreu o Projeto Ford, que foi criado com função de monopolizar o mercado da borracha. Com isso, os norte-americanos desejavam o domínio de todo o material necessário para a indústria automobilística. Por isso foi criada a Companhia Ford Industrial do Brasil, que tinha a frente Henry Ford, pioneiro da indústria americana de automóveis. Em seguida, foi fundado um povoado que era conhecido como Fordlândia, que em seguida evoluiu para cidade. Essa agitação se deu até 1945, onde começou a estagnação econômica da região.

Nas cláusulas do contrato, foi concedido à CFIB o espaço para a plantação de seringueiras, além da exploração de mineral, da utilização dos rios para navegação e da construção de represas para produção de energia, também da construção de estradas e rodovias. A CFIB poderia fazer o que quisesse naquelas terras. Não bastasse lhe conceder o controle total daquelas terras, lhes concederam também o direito de importar e exportar produtos brutos ou mesmo industrializados.

Assim como a instalação de núcleos de povoamento. A ideia era que o governo recebesse um retorno de 7% do lucro líquido da empresa, que seria distribuído em 5% para o governo e 2% para os municípios envolvidos no acordo. Isso depois de 12 anos da implantação desse projeto. O governo apostava em ceder todos os requisitos necessários para assegurar o sucesso do acordo.

A imprensa americana anunciava a partida do navio Lake Ormoc, da cidade de Detroit rumo a cidade de Santarém, no Brasil, onde iria abastecer o Seringal de Henry Ford de suprimentos, máquinas, equipamentos e pessoas. Isso em 26 de julho de 1928 (PEREIRA, 2015, p.133).

A floresta foi derrubada instantaneamente para a abertura das estradas com a ajuda de maquinários e ferramentas como o machado. Preparando o ambiente para a plantação das mudas de seringueiras. As madeiras derrubadas foram aproveitadas na construção das casas e de seus móveis.

O projeto não durou muito, 18 anos precisamente. A promessa de ser a maior produtora de látex não funcionou. Aparentemente a borracha que era produzida não era suficiente para o abastecimento do mercado norte-americano. Em 1945, chegou ao fim o projeto inovador e fracassado de Henry Ford:

A cidade-empresa fora criada com a promessa de ser a maior produtora de látex do mundo, que a CFIB utilizaria na produção de pneus e outros derivados para sua indústria automobilística nos Estados Unidos começou a mostrar fragilidades. O plano inicial da empresa era plantar três mil hectares por ano. Para tanto, seria necessário um contingente de 7.293 trabalhadores permanentes. Em 1931, só se havia plantado 400 hectares e arregimentado 3.100 trabalhadores. Em Belterra, esse número, em 1938, era de 1.200 e quatro anos depois (1942), a Companhia não desmatou, nem plantou nada e o número de pessoal trabalhando diminuiu para 2.184. Valores bem abaixo dos que constavam nos planos da CFIB. O projeto durou apenas 18 anos, desde a sua criação em Fordlândia, no ano de 1928, para, em Belterra, experimentar o seu fim, no ano de 1945. (PEREIRA, 2015, p. 148).

Na segunda metade de 1970, em decorrência de estratégias, a visão foi voltada para a Amazônia novamente, foram elaborados planos de desenvolvimento, resultando na construção da rodovia transamazônica. Além do plano de colonização, visava-se o aproveitamento da mineração em potencial e uma nova tentativa de ativação na produção nos seringais.

CAPÍTULO 2: CONFLICTOS ENTRE SERINGUEIROS E INDÍGENAS

2.1 A EXPANSÃO DOS SERINGAIS E AS TERRAS INDÍGENAS

Como foi visto no capítulo I, durante o século XIX, habitavam o interior da Amazônia indivíduos que asseguravam sua existência (moradia, alimentação, etc.) nesse território (índios, brancos e negros), os quais passaram a deixar a concentração da coleta de produtos naturais e da agricultura para viver em função da atividade extrativa da borracha. Ciclo esse que enriqueceu os barões de Belém e Manaus, promovendo transformações arquitetônicas e culturais dessas duas principais cidades.

Após a crise da borracha, a Amazônia entrou num período de estagnação e, assim, na primeira metade do século XX, ficou, em certa medida, distante e esquecida do restante do Brasil. Somente a partir de 1960, com os planos de integração nacional, descoberta de minério e grandes projetos de desenvolvimento, a região voltou a crescer e receber novos migrantes de todo o país. Esse período marca uma mudança drástica na paisagem da Amazônica: a destruição da floresta – provocada principalmente pela abertura de estradas para o estabelecimento de pastos e exploração de madeira predatória (Veríssimo, 2014). Porém, esse não é o foco deste trabalho. Mas sim, o conflito entre os seringueiros e os indígenas.

Como aponta Davi Leal em sua tese “Direitos e processos diferenciados de territorialização: os conflitos pelo uso dos recursos naturais no rio madeira (1861-1932)”, nas regiões de fronteira, como a Amazônia do final do século XIX, o que está em jogo não é a terra em si, mas os recursos naturais com valor de mercado. No caso, castanhais e seringais serão os principais alvos de interesses e causa dos conflitos no rio Madeira (LEAL, 2013, p.66).

Assim, houve uma abundância de conflitos gerados pelo processo de expansão do capitalismo pela região Amazônica, no período do final século XIX ao início do século XX.

Nesse processo de expansão de seringais pelo território amazônico, acabaram ocorrendo conflitos inevitáveis. Nesse campo de disputa e confronto situavam-se os comerciantes, as empresas ligadas à construção da ferrovia Madeira-Mamoré, os migrantes recém-chegados dos Estados do Nordeste e os povos indígenas. Porém, muitas etnias já ocupavam o território pretendido por particulares ou pelo Estado, há bastante tempo (LEAL, 2013, p.68).

Nesse contexto entra em cena o governo, com o objetivo de controlar melhor esses territórios em disputas. Assim como o caso do rio Madeira, onde o governo procurou atuar no controle do território, atendendo a interesses específicos, notadamente de grupos econômicos que demonstraram vontade em explorar os recursos naturais locais, com a exigência de regularização das áreas com castanhas e seringais. De acordo com Leal, o discurso oficial presente nos relatórios provinciais consta que os objetivos das concessões eram com o intuito de evitar os conflitos entre seringalistas que visavam expandir os domínios dos seringais, assim como levantar recursos com os impostos resultantes da regularização.

O desejo de possuir seringais para a extração dos produtos da floresta, fez com que acabassem apossando-se de áreas de forma ilegal, fazendo com que eles adentrassem em territórios ou próximos a territórios de habitação indígena.

Em 1864, o geógrafo inglês Willians Chandless fez expedições que resultaram no levantamento do rio Purus:

Essas expedições apontaram que as áreas mapeadas eram habitadas apenas por índios. De acordo com estudos etnológicos da época se sabia que a produção que se adentrava pelos rios da bacia amazônica em direção as cabeceiras, encontrava-se maior quantidade de índios, esta realidade foi constatada e informada pelos exploradores João Rodrigues Cametá, Serafim Salgado e Manoel Urbano da Conceição, em seus relatórios de viagem pela região Acreana, relatam que nas regiões do alto Purus e alto Juruá, habitavam grupos indígenas que falavam línguas diferentes, segundo essas informações, confirmadas posteriormente em pesquisas antropológicas, os indígenas pertenciam a duas famílias linguísticas diferentes Pano e Aruaque (RODRIGUEZ, 2016, p. 27).

No Acre, a partir dos relatos provinciais, é possível saber que os seringais, assim como os castanhais, são comprados e vendidos à revelia do poder público, sem ter a mínima documentação que comprove a propriedade. Além disso, é possível também a desmitificação de que o índio não esteve inserido no modelo de sociedade de barracão, já que há relatos da presença de bolivianos e povos indígenas trabalhando nos seringais.

O potencial da região acreana como produtor de goma se apontava como promissor, com as grandes concentrações de seringueiras, descritas nos relatos de João Cametá, Serafim Salgado e Manuel Urbano, despertaram interesse de comerciantes paraenses e peruanos. Com o Acre aberto, suas riquezas estavam expostas ao interesse de milhares de aventureiros, articulando assim expedições rio acima até suas cabeceiras, com o ideário de procurar terras sem dono.

Rodriguez (2016) em sua dissertação nos traz a seguinte pergunta: de quem era o solo cortado pelas estradas nos seringais? Peruanos e brasileiros adentraram de forma desordenada na região acreana a fim de desbravar a floresta, ignorando as demarcações de soberania. Que apesar de não haver marcos fronteiroço definido entre Bolívia, Peru e Brasil, a região era reclamada pelos bolivianos como sendo área soberana da Bolívia.

A ocupação pelos brasileiros começou a ser vista como preocupante pelas autoridades bolivianas. Em 1886, durante uma conferência no Rio de Janeiro, o ministro-residente da Bolívia D. Juan Francisco Velarde, alerta o governo brasileiro e peruano que a Bolívia era soberana sobre as terras acreanas e que as riquezas da região tinham seus donos, os bolivianos.

Porém, para os naturais bolivianos, os vales e florestas do Acre eram vistas como pântanos insalubres, cortados por rios que eram desconhecidos e cheios de perigos, onde habitavam índios hostis.

Como já foi visto antes, administrar um seringal era uma tarefa complexa, envolvendo funções administrativas de controle de produção, venda da produção, logística, segurança entre outros. Para os seringalistas, a logística para a coleta precisava de varadouro que dessem acesso às colocações, além de animais de cargas e celas para o transporte. Com isso, a vigilância dos rios eram contínuas, com o objetivo de evitar desvio de produção e venda indevida a coletores alheios, assim como para evitar que seringueiros endividados fugissem sem saldar as dívidas.

Para aumentar a produção da borracha era necessário o assentamento de novas colocações. Para isso, as aberturas de novos trançados (de novas estradas) eram fundamentais, e para isso era necessário adentrar no interior da mata fechada aumentando a distância da sede do seringal. E, nessa corrida, para adentrar na mata e abrir novas estradas de seringas, estavam os índios, que dificultavam o avanço. Surgindo o conflito, com perdas de ambos os lados.

Porém, aos poucos, os grupos indígenas da região começam a se ver cercados. Com os conflitos árduos, os índios, ora cansados ou vencidos pela força das armas brancas, refugiavam-se em lugares inacessíveis, para além das nascentes dos rios. Passando a ver vistos como obstáculos para a exploração, os povos indígenas começaram a ser dizimados. Para isso as expedições armadas foram feitas. No Acre essas expedições são chamadas de *Correrias*:

Expedições armadas às chamadas *Correrias*, feitas com o objetivo de matar as lideranças das aldeias, matar os idosos, e apenas se livrar de índios “incômodos” aprisionarem homens jovens de fácil dominação para serem utilizados nos trabalhos no seringal, obter mulheres para vender ou trocar como esposas e abastecer os prostíbulo de Iquitos, ou quando muitos jovens, aquelas que ainda não tiveram a primeira menarca, utilizá-las como empregadas domésticas na sede do barracão (RODRIGUEZ, 2016, p.43).

Entre 1880 e 1910, a demanda internacional da borracha crescia a cada ano. O ritmo de exploração da região aumentou, levando ao extermínio de inúmeros grupos indígenas, que por vezes eram exterminados por colaborarem, trabalhando nos seringais, com os não índios - visto que se submetiam ao risco de contraírem doenças para qual eles não tinham imunidade -, como também ao resistir à invasão de seus territórios.

Exemplo disso é o Purus na década de 1870 e 1880, que estava completamente povoado por não índios. A inserção do grupo indígena Apurinã nos seringais do Purus veio na forma de extermínio de alguns e trabalho nos seringais por outros. Muitos Apurinãs foram mortos por sarampo e gripe, mas também massacrados e escravizados e, por fim, mortos nas batalhas por suas terras.

Em seu trabalho, Ernesto Rodriguez aponta que colonizadores peruanos teriam sido auxiliados por índios Katukina. A região dessa etnia era rica em caucho e seringueiras e foi invadida imediatamente por peruanos e brasileiros. Se no princípio os Katukina haviam sido amigáveis, isso teria mudado a ponto deles terem que ser vencidos e abatidos à força.

No final do século XIX, os Kaxinawá também sofreram ataques e invasões de caucheiros peruanos em busca de árvores de caucho. Invasão essa que durou por volta de 20 anos, sendo predatória e violenta. A consequência desse contato foi doenças e a mortes.

Esse intenso conflito gerou a reação dos Kaxinawás, que roubavam e incendiavam as colocações e matavam os seringueiros que topavam em seus deslocamentos. Alguns grupos foram vencidos pelo cansaço, a ponto de aceitarem trabalhar como seringueiros. Como aconteceu com o grupo Kaxinawá do rio Iboçu.

Os conflitos entre os seringueiros e os indígenas foi intenso, marcado pelo derramamento de sangue de ambas as partes. De um lado, o seringueiro com sua espingarda, desbravando o território já ocupado, e de outro, o índio defendendo a sua casa dos invasores, utilizando para isso a estratégia de roubar os pertences das

casas dos seringueiros, como ferramentas, roupas e demais objetos e incendiar as casas dos seringueiros. Além das emboscadas nas matas, levando os seringueiros a sofrerem ferimentos ou até mesmo a morrerem.

A reação indígena contra os seringueiros era vista como ações imperdoáveis, fazendo com que houvesse um contra ataques por parte dos seringueiros e seringalistas. Grupos especializados, comandados por matadores que conheciam a região, entravam em ação para rastrear os indígenas até suas habitações. O que consistia na aniquilação do grupo indígena, destruição dos roçados e queima das malocas. Os índios que escapavam da morte (índias jovens e índios úteis) eram levados para o trabalho. No centro de coleta eram amansados e integrados no convívio do grupo de seringueiros.

Partindo do pressuposto de que essas explorações armadas contra os indígenas eram para proteger os seringueiros nos seringais ao abrir as estradas traçadas, não se pode deixar de notar que as correrias foram muito mais que proteção para os seringueiros e sim um genocídio humano e cultural de diversas etnias. Foi nada mais que um massacre de significativas proporções.

2.2 OS CONFLITOS: CASO 1

O primeiro estudo de caso foi retirado da análise do texto *“Parentes diferentes”: etnicidade e nacionalidade entre os Ashaninka na fronteira Brasil-Peru* de José Pimenta e do site cpiacre.org.br.

Os Ashaninka, um dos principais povos indígenas da bacia amazônica, habitam um vasto e *descontínuo* território, que estende-se da Selva Central no Peru até a bacia do alto rio Juruá no Brasil.

Eles foram separados pela formação dos Estados Nacionais. No caso dos Ashaninka, a divisão veio de modo desigual. Há cerca de 100 mil Ashanikas vivendo no Peru, enquanto estima-se que cerca de mil Ashanikas residam no território brasileiro. Ou seja, apenas 1% do total desse povo indígena é brasileiro.

No território brasileiro, o povo indígena Ashanika reside em sete terras indígenas. Todas elas encontradas no estado do Acre, na região do alto Juruá. Onde foi demarcada em 1992 pela Funai.

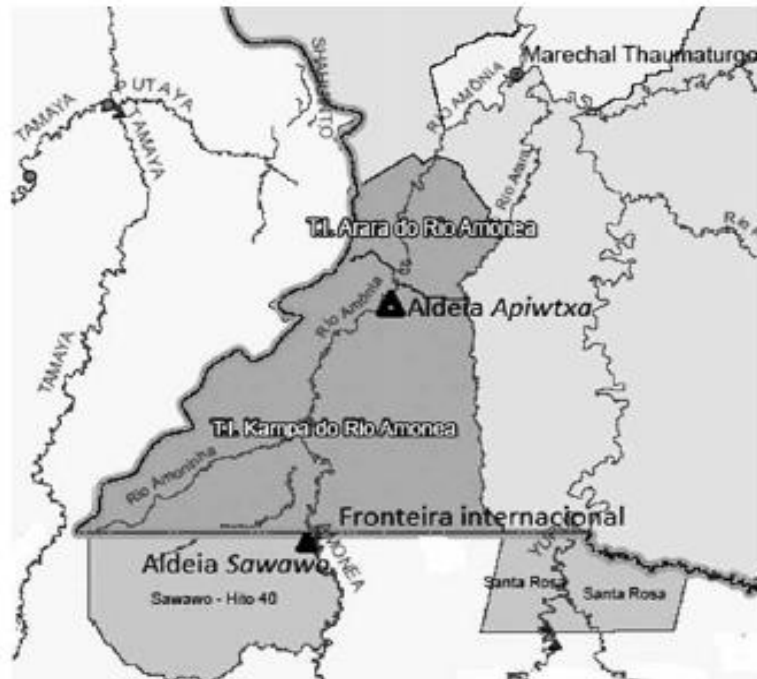


Figura 2: Área da fronteira Brasil - Peru no rio Amônia
 FONTE: Pimenta, 2012, p. 97.

A Terra Indígena Kampa do Rio Amônia faz fronteira com o Peru reunindo cerca de metade do contingente Ashaninka situado no Brasil. Em sua grande maioria, os Ashaninka vivem na aldeia Apiwtxa, que se encontra nas margens do rio Amônia, que é afluente do rio Juruá. Após algumas horas subindo o rio Amônia e passando o marco fronteiro, encontra-se a comunidade Sawawo – Hito 40, uma comunidade Ashaninka. Que contém cerca de 200 pessoas. E encontra-se já em território peruano.

Entre o Alto Juruá brasileiro e a região peruana do rio Yuruá, fronteira entre o Acre e o departamento do Ucayali, existe apenas rotas fluviais, assim como precárias trilhas florestais. Com suas águas barrentas, o Juruá, que deságua no Solimões, é um dos rios mais tortuosos da Amazônia.

Subindo o rio Juruá, a partir de Cruzeiro do Sul em direção ao Peru, encontra-se o município de Macheral Thaumaturgo, numa área de 20.764 hectares, situado no encontro das águas do rio Amônia com o Juruá. É o último núcleo urbano brasileiro até a fronteira.

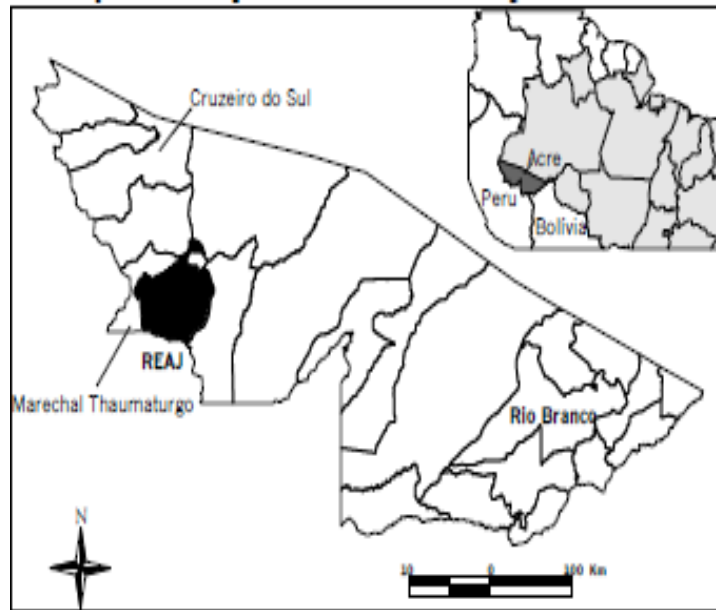


Figura 3:Localização do município de Marechal Thaumaturgo

FONTE: Eliza Costa em Conflitos entre índios e não índios no rio Amônia

Após o declínio que a economia sofreu com a borracha, o alto Juruá (distante dos grandes centros e de difícil acesso) foi simplesmente esquecido pelo Brasil e pelo Peru. Sendo considerada como “fundo de quintal”, como bem diz José Pimenta, sendo desprovida de interesses tanto econômicos quanto estratégicos.

As regiões escolhidas pelos Ashaninka para viver não tinham seringais. Só tinham abaixo dos limites de suas terras. Eles tinham a consciência de que a extração da seringa causava submissão e tirava sua liberdade. Como eles conheciam a espécie explorada pelos seringalistas, preferiram ficar longe, ocupando lugares onde não havia seringueiras, para não ter que virar um seringueiro.

Sendo assim os Ashininka, como forma de autoproteção, buscaram se distanciar da área de foco dos seringueiros, pois, na sua visão, poderiam ser destruídos, assim como aconteceu com diversos povos indígenas. A sua opção – esperta diga-se de passagem - foi “ficar” fora do caminho dessas terras. Permitindo que através desse ato a segurança de sua aldeia fosse preservada, pelo menos por hora.

Os ashaninka tinham uma relação de troca com qualquer pessoa, assim como com os patrões nos barracões. Como eles sabiam que havia o abastecimento dos seringais, então, quando precisavam de produtos como sal, ferramentas de trabalho e outros, eles iam aos barracões e perguntavam o que os seringalistas

queriam para que eles tivessem acesso aos produtos, e, dependendo da resposta, a troca era feita.

Os Ashininka não foram usados como mão de obra nos seringais, mas foram usados como “soldados”, em alguns momentos eram chamados para andar nos rios, acampar nas praias, para intimidar os outros povos indígenas que estavam por perto e eram uma ameaça para os barracões e seus funcionários como os *Huni Kui* e os *Amahuaca*.

Como se sabe, os conflitos entre os seringueiros e indígenas eram intensos, e, nessa região, não era diferente. Os indígenas furtavam alimentos e utensílios, queimavam as casas, matavam e eram mortos também.

Essa medida de resistência indígena contra os seringueiros fez com que os Ashininka fossem os “guarda-costas” em alguns momentos dos seringueiros. Nesse sentido, eles se tornaram uma ameaça a outros povos indígenas que vivam entre seringais e que entravam em conflito direto com esses seringueiros e seus barracões.

Para lidar com os “inimigos”, os Ashininka recebiam armas e munições, realizando inclusive deslocamentos internos na região para realizar os serviços – já mencionados – para os “patrões”. Mesmo que não houvesse conflito ou contato direto com outros povos indígenas, a presença dos Ashininka era um claro recado.

Pode-se dizer que os Ashininka também foram explorados pelos donos seringais sim. Diferente dos demais povos que ou eram mortos ou viravam trabalhadores nos seringais, os Ashininka desenvolveram uma forma de não serem alvos diretos das balas dos seringueiros, mas que não evitaram ser alvos de seu controle.

2.3 OS CONFLITOS: CASO 2

O nosso próximo caso é retirado de *Povos Indígenas no Brasil* (<<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apurinã>> Acesso 09 de outubro de 2018), onde temos como foco os Apurinã.

Os Apurinã residem em diversas terras indígenas. O território habitado pelos Apurinã, no século XIX, era o médio Purus, do rio Sepatini ou do rio Pacιά ao Laco. Sendo um povo tradicionalmente migrante, os Apurinã têm seu território estendido

do baixo rio Purus até Rondônia. Havendo áreas Apurinã nos municípios Boca do Acre, Pauini, Lábrea, Tapauá, Manacapuru, Beruri, Manaquiri e Manicoré.

A estimativa de índios Apurinã é difícil, por estarem espalhados. Mas segundo a Fundação Nacional de Saúde, os Apurinã somavam, em novembro de 2003, 4.057 indivíduos.

Os Apurinã tiveram um contato sistemático com os não índios durante a exploração da borracha. No século XVIII, o rio Purus começou a ser explorado por comerciantes itinerantes, na busca das *drogas do sertão*: copaíba, manteiga de tartaruga, cacau e a borracha. Alguns dos comerciantes itinerantes estabeleceram-se na região.

Houve, nas décadas de 50 e 60 do século XIX, diversas expedições para reconhecer e mapear o rio. Durante esse mapeamento foi possível observar que já havia índios Apurinã trabalhando na retirada do látex e de outros produtos para os não índios.

O rio Purus foi povoado por causa da extração de borracha. Começando a exploração na década de 1870, e também em 1880, o Purus já estava todo povoado por não índios. Com a queda da borracha na década de 1910, os seringais foram abandonados pelos patrões. Devido a isso, os seringueiros e os índios acabaram permanecendo nos seringais, voltando a produzir para sua subsistência e vender os outros produtos, como a castanha.

Os seringais se desmantelaram, os produtos rentáveis são outros, compra-se e vende-se para *marreteiros*, comerciantes itinerantes. Todo o sistema de trabalho e venda do produto do trabalho tem relação direta, no entanto, com o que foi construído no período da exploração seringueira (SCHIEL, 2004, p. 98).

A inserção dos Apurinã nos seringais ocorreu de formar diferente. Grupos inteiros acabaram sendo mortos por estarem em áreas de interesse dos seringueiros ou por estarem nas áreas dos já estabelecidos seringais. Eles reagiram, realizando saques aos barracões, furtando as comidas, as armas, os utensílios, assim como também ateando fogo em alguns barracões. Fazendo isso, os Apurinã eram alvos diretos da ira dos seringueiros, que tomados pelo medo e ódio, saíam em conflito com esse povo, e, é claro, que por terem um armamento mais pesado, os Apurinã acabavam sem ter a menor chance, sendo apresentados à morte.

Alguns Apurinã comercializavam produtos, como óleos vegetais, cacau e castanha (os vendiam). Outros trabalhavam com os seringueiros, extraindo o látex e

trabalhando nos barracões. Alguns Apurinã trabalharam desde o princípio com os comerciantes itinerantes, outros só tiveram o contato com os não índios durante o processo que deu origem aos chamados “*soldados da borracha*”.

As histórias dos Apurinã são marcadas pelos massacres, pelas torturas, pelas experiências de escravidão e de batalhas pela terra.

A violência dos primeiros anos, na região do Purus, não foi tão fartamente documentada como no Juruá. Os Apurinã falam dela, no entanto, no cotidiano. Em algumas das narrativas (Parte 2, Capítulo 4) transcritas neste trabalho, ela está presente. Mas os Apurinã não só morreram com o advento dos seringais; eles também trabalharam neles. A utilização dos Apurinã como mão de obra parece bem anterior à dos Kaxinawá. Já Chandless (1861a) e Silva Coutinho (1863) referem-se a Apurinã trabalhando, seja em seus barcos, seja em “feitorias”. Em 1872, Labre também afirmava que os Apurinã faziam “pouco comércio em troca de salsa, seringa e óleo, que já vão aprendendo a colher com a gente civilizada” (SCHIEL, 2004, p. 97).

O serviço de proteção aos índios teve um posto no rio Seruini, que é afluente do Purus, entre os atuais municípios de Pauini e Lábrea. O posto Marienê foi fundado em 1913, após um conflito que resultou na morte de cerca de quarenta Apurinã e sete seringueiros. Conflito esse que teve grandes proporções, chamando atenção da sociedade, sendo noticiado pelo jornal local:

O subdelegado do 5^o distrito Major Trajano Alves Costa, em data de 20 de julho preterido, comunicou ao Delegado de Lábrea que em meados do mês de junho próximo passado, no alto Sepatini, desta comarca, uma leva de selvagens, pertencentes à tribo dos Apurinã, investira contra os seringueiros do Coronel Paulo Ferreira do Nascimento e do Sr. Isaac Pontes, matando 7 brasileiros, Júlio Marques, Antônio Vicente, Antônio Pereira, Francisco Pereira de Souza, José Antônio do Nascimento, Firmino e Manuel de tal e deixando um gravemente ferido. (O Correio do Purus, Lábrea, 17/08/13. In: SCHIEL, 2004, p. 101).

O posto Marienê foi um local que reuniu muitos Apurinã. Com a missão de trazer os Apurinã para a civilização, com o intuito de transformar os Apurinã em trabalhadores úteis ao país.

A história da borracha é parte da história e da realidade dos Apurinã. Isto é verdadeiro para as suas relações comerciais e de produção, assim como é verdadeiro para suas relações sociais e com a forma como se pensam no mundo hoje (SCHIEL, 2004, p. 99).

Os Apurinã sofreram com o massacre dos não índios, mas também optaram por aliar-se a eles e terem relações pessoais inclusive de convívio, permitindo

uma história não só de luta, mas sim de inserção direta na rede de comércio não só da borracha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que com o surgimento das transformações tecnológicas e econômicas a Europa passou a ser a motivadora no aperfeiçoamento de técnicas e matérias-primas para o desenvolvimento da indústria.

Foi pela busca de novas matérias-primas que o naturalista Charles-Marie de La Condamine, em sua viagem pela Amazônia, descobriu que o látex podia ser transformado em um material maleável e assim de grande potencial para a indústria. O que possibilitou a inserção da Amazônia ao comércio internacional, notadamente na exportação de borracha no decorrer do século XIX. A Amazônia tornou-se o maior polo de extração e exportação de látex do mundo.

Durante a expansão dos seringais os inevitáveis conflitos foram gerados. Conflitos com povos indígenas que vivam na região dos seringais ou em regiões de possíveis seringais. Conflitos esses que resultaram em mortes de ambos os lados, porém sendo os índios os mais afetados. As medidas contra as reações indígenas eram geralmente feitas por parte de grupos especializados, que caçam os índios, rastreando-os até as suas habitações e destruindo seus roçados, queimando suas malocas e aniquilando a aldeia.

A estratégia de defesa em grande parte dos povos indígenas foi a mesma: saque de utensílios e comida dos seringueiros, emboscada na mata e queimada das casas dos seringueiros. Porém houve exceções em que os povos indígenas, em forma de auto preservação, não ficavam nas regiões dos seringais e algumas vezes esses povos eram usados como soldados pra combater ou intimidar outros povos indígenas que faziam ameaças aos seringueiros e seringais.

Procurou-se responder a três indagações durante o presente trabalho: Como eram os conflitos entre os seringueiros e os indígenas no decorrer da expansão dos seringais? O que a historiografia relatam sobre esse assunto? E quais os problemas essa expansão provocou para os indígenas?

Chegou-se à conclusão que os conflitos entre os seringueiros e indígenas no decorrer da expansão dos seringais foram extremamente violentos, a ponto de serem dizimados povos inteiros. Observamos que a historiografia que trata do tema *conflitos entre seringueiros e indígenas* tem considerado e avançado, em diferentes regiões e momentos históricos, neste tema. Não temos muitos trabalhos

sobre o tema voltado para nossa região do Amazonas. Este é um esforço em preencher esse espaço.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Mauro W. B. *Direitos à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas*. RBCS. Vol. 19, nº. 55, junho/2004.
- CARDOSO, Ciro F. *Uma introdução à História*. Brasil. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CARDOSO, FH., MÜLLER, G. *Amazônia: expansão do capitalismo* Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.
- CHEROBIM, Mauro. *Trabalho e comércio nos seringais amazônicos*. Perspectivas, São Paulo, 6:102-107,1983.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*. 1 ed. São Paulo : Claro Enigma, 2012.
- FEITOSA, Orange Matos. *Uma história de pouco caso: a economia da borracha na produção histórica nacional*. IV conferência Internacional de História Econômica & VI Encontro de Pós-Graduação em História Econômica. São Paulo, 2012.
- FONSECA, J.J.S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *A batalha da borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o estado novo*. Fundação Joaquim Nabuco, 1997.
- KLEIN, Daniel da Silva. *A crise da borracha: a cadeia de aviamento em questão entre o Pará e o Acre no início do século XX*. Revista história, história. Brasília, vol. 2, n. 4, 2014.
- LEAL, Davi Avelino. *Direitos e processos diferenciados de territorialização: os conflitos pelo uso dos recursos naturais no rio madeira (1861-1932)*. Manaus: UFAM, 2013.
- LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas*. UFAM, Manaus, 2013.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.
- PEREIRA, José Carlos Matos. *Cidade na floresta: Belterra, a experiência da plantation de seringa de Henry Ford na Amazônia brasileira (1934-1945)*. Avances del CESOR – Año X, n.10, 2013.
- PIMENTA, José. “Parentes diferentes”: etnicidade e nacionalidade entre os Ashaninka na fronteira Brasil-Peru. *Anuário Antropológico/2011-I*, 2002: 91 – 119.
- PONTES, Carlos José de Farias. *A guerra no inferno verde: segundo ciclo da borracha, o front da Amazônia e os soldados da borracha*. South American Journal of Basic Education, Technical and Tchnological. Vol. 2, n.1, 2015.

RODRIGUEZ, Ernesto Martinez. *Correias: índios, caucheiros e Seringueiros (Acre 1942/1983)*.2016.

S. D'Agostini, S. Bacilieri, H. Hojo, A. Batista Filho. *Ciclo econômico da borracha – seringueira Hevea brasiliensis*. Páginas do Inst. Biol., São Paulo, Vol.9, nº.1, jan./jun., 2013.

SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia: 1800-1920*. São Paulo. Biblioteca básica de ciências sociais. 1980.

SCHIEL, Juliana. *Tronco Velho: histórias Apurinã*. Campinas, SP: [s.n], 2004.

TELES, Luciano E. C. *A implantação da ordem republicana burguesa na Manaus da borracha e o processo de legitimação da luta operária no jornal Vida Operária*. Revista Catarinense de História, Florianópolis, n.19, p.29-52, 2011.

VERÍSSIMO, Tatiana Corrêa. *A floresta habitada: história da ocupação humana na Amazônia*. IMAZON, 2014.

WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. Trad. Lólito Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC: editora da Universidade de São Paulo, 1993.

Sites

<<https://www.cpiacre.org.br>> acesso em 09 de outubro de 2018

<<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apurinã>> acesso 09 de outubro de 2018